

ROTA DO ROMÂNICO: PERCURSO “VALE DO SOUSA”

 **Rosário Correia Machado**
Diretora da Rota do Românico

► A Rota do Românico é constituída, atualmente, por 58 monumentos, distribuídos por 12 municípios e por três percursos de visita recomendados: “Vale do Sousa” (com 19 monumentos), “Vale do Douro” (14) e “Vale do Tâmega” (25). Propomo-nos identificar, nesta edição da *Presença*, os elementos patrimoniais do percurso “Vale do Sousa”, apresentando quatro deles de forma mais pormenorizada.

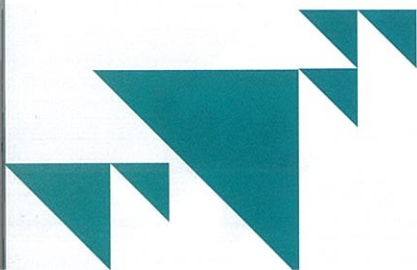
No concelho de Felgueiras, são cinco os monumentos que integram a Rota do Românico e o seu percurso “Vale do Sousa”: o **Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro** e as Igrejas de São Vicente de Sousa, Salvador de Unhão, Santa Maria de Airães e São Mamede de Vila Verde.

Em Lousada, para além das Pontes da Veiga, Vilela e Espindo, fazem também parte da Rota do Românico as Igrejas do Salvador de Aveleda e de Santa Maria de Meinedo, bem como a **Torre de Vilar**.

O **Mosteiro de São Pedro de Ferreira** é o representante do concelho de Paços de Ferreira na Rota do Românico.

Em Paredes, são cinco os bens patrimoniais românicos, já apresentados na edição de 2017 desta revista *Presença*: o Mosteiro de São Pedro de Cête, a Capela da Senhora da Piedade da Quintã, a Ermida da Nossa Senhora do Vale e as Torres dos Alcoforados e do Castelo de Aguiar de Sousa.

O **Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa** e o **Memorial da Ermida** são os monumentos de Penafiel integrados no percurso “Vale do Sousa” da Rota do Românico. Para além daqueles, subsistem ainda mais quatro elementos patrimoniais românicos naquele município, abrangidos pelos percursos dos Vales do Douro (um) e do Tâmega (três): as Igrejas de São Miguel de Entre-os-Rios, São Pedro de Abragão, São Gens de Boelhe e Salvador de Cabeça Santa.





Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro | Felgueiras

Santa Maria de Pombeiro foi um dos mais importantes mosteiros beneditinos do Entre-Douro-e-Minho, tendo sido fundado por D. Gomes Echiegues e sua mulher Gontroda, em 1102.

A Igreja [séculos XII-XIII] é composta por três naves, divididas por arcos-diafragma e com cobertura em madeira pintada, nas naves laterais. A planta original da capela-mor, reconstruída no século XVIII, era semicircular à boa maneira românica, assim como as capelas secundárias ainda existentes. Os capitéis do portal principal são um notável exemplo de escultura românica.

Os dois túmulos com escultura faziam parte do núcleo funerário abrigado na desaparecida galilé, ligada à nobreza deste território, como os Sousas [ou Sousões] e os Ribavizela. Nas capelas secundárias subsistem dois temas de pintura mural: um alusivo, provavelmente, a São Brás e outro apresentando Santo Amaro e São Plácido.

A imagem da Padroeira, inserida no retábulo-mor, possivelmente é uma obra de estilo gótico dos séculos XIV ou XV. Bastante alterada nos séculos XVI a XIX, a Igreja do Mosteiro de Pombeiro recebeu um conjunto de talha de estilo rococó, no qual trabalhou o reputado Frei José de Santo António Ferreira Vilaça.

Em 1910, o Mosteiro de Pombeiro foi classificado como Monumento Nacional e, em 2008, foi incluído no projeto da “Rota do Românico do Vale do Sousa” (apresentado publicamente nesse ano), entretanto renomeado como “Rota do Românico” após a integração dos municípios do Baixo Tâmega e do Douro Sul, em 2010.

Acolhe, desde 2009, um dos Centros de Informação da Rota do Românico e, em 2015, no âmbito deste projeto, foram realizados trabalhos de conservação e restauro do órgão de tubos, inativo há dois séculos.



Torre de Vilar | Lousada

A Torre de Vilar, mais do que uma construção militar, é um símbolo de poder da nobreza senhorial, constituindo um importante exemplo da “domus fortis” [residência fortificada] no território do Tâmega e Sousa.

Deverá ter sido construída entre a segunda metade do século XIII e o início do século XIV, embora o primeiro testemunho desta Torre esteja datado do século XV. Segundo as “Inquirições” de 1258, “Sancte Marie de Vilar” era uma “Honra” pertencente à família de D. Gil Martins, da família dos Ribavizela.

De planta retangular, a Torre de Vilar ergue-se sobre um afloramento granítico que coroa uma pequena elevação.

Foi construída em excelente aparelho de granito, com a presença de várias siglas ou marcas de canteiro/pedreiro.

As fachadas apresentam numerosas frestas e subsistem ainda diversas mísulas [pedras salientes] usadas para suporte dos pisos.

O último piso corresponderia ao adarve [espaço de vigia] e deveria igualmente possuir ameias e merlões, entretanto desaparecidos, que coroavam o parapeito da Torre.

Em 1978, foi classificada como Imóvel de Interesse Público. Em 2005-2006, recebeu diversas intervenções de conservação e salvaguarda, promovidas pela extinta Direção Regional dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no âmbito da “Rota do Românico do Vale do Sousa”, que contribuíram para a eliminação do estado de ruína da Torre de Vilar dos últimos séculos.

A abertura ao público da Torre de Vilar ocorreu no dia 23 de setembro de 2006. Três anos depois, foi equipada para acolher um dos Centros de Informação da Rota do Românico. Nos anos de 2011 e 2012, foram realizados também trabalhos de valorização dos acessos à Torre, arranjos exteriores e estacionamento, no âmbito da Rota do Românico.



Mosteiro de São Pedro de Ferreira | Paços de Ferreira

A Igreja do Mosteiro de São Pedro de Ferreira é um dos mais expressivos monumentos do românico português.

Em finais do século XII, os cónegos da Sé do Porto detinham direitos sobre uma parcela do Mosteiro, pertencendo as restantes parcelas a algumas das famílias nobres deste território, como os Sousas [ou Sousões] e os Maias.

O portal principal está inserido em corpo pentagonal. As suas arquivoltas perfuradas [favos circulares] têm sido comparadas ora com as da Porta do Bispo da Catedral de Zamora, ora com a Igreja de São Martinho de Salamanca, como também com soluções decorativas da arte árabe de Sevilha, da segunda metade do século XII.

A Igreja de Ferreira reúne alçados e motivos escultóricos provenientes de diversas origens geográficas e oficinas de canteiro/pedreiro: Zamora-Compostela, Coimbra-Porto e Braga-Unhão, salientando-se a representação de jograis, num dos capitéis da capela-mor.

Anexa à fachada principal conserva-se a ruína de uma gallé de função funerária, de que restam poucos exemplares em Portugal.

Subsistem ainda duas peças funerárias: um túmulo e a tampa de sepultura com estátua jacente do nobre João Vasques da Granja, vestido como peregrino e segurando o bordão.

Em 1928, o Mosteiro de Ferreira foi classificado como Monumento Nacional. Em 2004-2005, foi alvo de obras de conservação geral, no âmbito da “Rota do Românico do Vale do Sousa”, que abrangem as coberturas, paredes, vãos exteriores e campanário. Em 2015, a Rota do Românico promoveu alguns trabalhos gerais de manutenção daquele antigo Mosteiro.



Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa | Penafiel

O Mosteiro de Paço de Sousa foi fundado no século X por Trutesendo Galindes e sua mulher Anímia. Ligado à família dos Ribadouro, foi um importante mosteiro beneditino.

A Igreja, edificada no século XIII no mesmo local do templo anterior [século XIII], apresenta uma decoração muito própria. Utiliza ornamentação vegetalista talhada a bisel e desenvolve longos frisos no interior e no exterior da Igreja, à maneira da arquitetura visigótica e moçárabe dos séculos V-VIII.

Terá sido em Paço de Sousa que nasceu uma corrente com base na tradição pré-românica e influenciada por temas oriundos do românico de Coimbra e da Sé do Porto, dando origem ao que se designa de “românico nacionalizado”.

No interior da Igreja encontra-se o túmulo de Egas Moniz de Ribadouro, aio do rei D. Afonso Henriques, o qual resulta da junção de duas arcas tumulares: uma dos finais do século XII e outra do século XIII.

A capela-mor, a sacristia, o claustro e o que resta do edifício monástico datam dos séculos XVII e XVIII. O conjunto recebeu obras de restauro nos séculos XIX [1883 e 1887] e XX [1927-1938].

Em 1910, o Mosteiro de Paço de Sousa foi classificado como Monumento Nacional e, um século depois, em 2010, a sua torre sineira passa a acolher um dos Centros de Informação da Rota do Românico. Foi sob a coordenação deste projeto que, em 2017 e 2018, o Mosteiro recebeu uma ampla intervenção de conservação, salvaguarda e valorização: escavações arqueológicas, drenagem e desaterro da envolvente, recuperação das coberturas, limpeza e tratamento das paredes, conservação dos tetos, instalação elétrica e requalificação do claustro, trabalhos de conservação e restauro na sacristia.



Ficha Técnica

IAIROTIQ3

Edição e propriedade

Fundação ALORD
Rua da Cooperativa, 27
4580-809 Lordeão PRD
Tel.: 224 447 357
geral@fundacaosalord.pt
www.fundacaosalord.pt

Tiragem

500 exemplares

Depósito legal

161497/01

Design gráfico

Xoto Design

Impressão

Orgal Impressores

Presença

Revista da Fundação A LORD
Anos 21 e 22, n.º 28 e 29, 2019 e 2020

Diretor

Francisco Carlos Jorge Moreira da Silva
Presidente do Conselho de
Administração da Fundação ALORD

Coordenação

Ana Maria Martins
Lasaleta Silva

Colaboração

Alvaro Pacheco
Ana Cristina Silva
Ana Ferreira
Ana Maria Cabral
Ana Maria Martins
Ana Paula Rodrigues
António Teixeira
Beatriz Ester Moura de Castro
Carla Lopes
Cecília Leal
Célia Sousa
Danzilla Martins
Eugénia Gonçalves
Fátima Carneiro
Guilherme Moreira
Henrique Manuel Pereira
Hugo Romano
Lasaleta Silva
Levi Guerra
Manuel Monteiro
Mamela Bentes
Maria da Graça Mourão
Maria Florinda Almeida
Odete Mendes
Rosário Barbosa
Rosário Correia Machado
Rui Leal
Sílvia Rebanda
Vitor Moreira



MISTO
Papel proveniente de
fontes responsáveis
FSC® C081632

PRESENCIA

TA DA FUNDAÇÃO A LORD 2019/2020 ANOS 21 E 22 N.ºS 28 e 29

